

# A competição entre Simple Past e Present Perfect no inglês estadunidense: um estudo de caso sobre o *perfect* resultativo forte

Adriana Lessa\*  
Leonardo Cabral\*\*

## Abstract

Este artigo tem como objetivo investigar a competição entre Present Perfect e Simple Past na expressão do aspecto *perfect* resultativo na língua inglesa. Testa-se a hipótese de que, no inglês estadunidense (AmE), contextos de transição, com estado-alvo resultante relevante no presente (compatíveis com resultativos fortes), são representados linguisticamente pelo Simple Past preferencialmente. Para tanto, adota-se como metodologia um estudo de caso triplo com base em um experimento de produção semiespontânea que elicitava resultativos fortes. Os dados indicam variação morfológica na descrição de situações resultativas fortes, com preferência pelo uso do Simple Past, logo, a hipótese não foi refutada. O Simple Past assume a forma *default*, pois seu uso prevalece mesmo quando o contexto indica continuação e relevância do resultado no presente. Todavia, o uso do Present Perfect foi favorecido em situações cujo estado resultante é condição para uma demanda prévia por ação do interlocutor, especificamente, quando não há outra marcação linguística de causalidade.

Palavras-chave: Resultado. Resultativo forte. Perfect. Present Perfect. Simple Past.

---

\* Doutora em Linguística, professora adjunta de Inglês na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em exercício provisório, efetiva da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a cujo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) ainda se encontra vinculada.

\*\* Bolsista CAPES, discente no programa de Mestrado em Linguística da UFRJ, vinculado à linha de pesquisa Linguagem, Mente e Cérebro e ao Laboratório de Acesso Sintático (ACESIN).

# The competition between Simple Past and Present Perfect in American English: a case study of the strong resultative perfect

## Resumo

This paper has as its aim to investigate the competition between Present Perfect and Simple Past in the expression of the resultative perfect aspect. We test the hypothesis that, in AmE, transition contexts with a presently relevant resultant state (compatible with strong resultatives) are, preferably, linguistically represented by the Simple Past. To do so, a triple case study is adopted as the methodology, based on an experiment of semi spontaneous production that elicits strong resultatives. The data indicates a morphological variation in the description of strong resultative situations, with preference for the use of Simple Past, therefore, the hypothesis was not refuted. Simple Past assumes the default form, for its use prevails even when the context indicates a continuation and relevance of the result in the present. However, the use of Present Perfect seemed to be favored in situations of which the result state points to a demand for imminent action by the interlocutor, specifically, when there is not another linguistic marking of causality.

Keywords: Result. Strong resultative. Perfect. Present Perfect. Simple Past.

Recebido em: 12/05/2020

Aceito em: 24/07/2020

## Introdução

Nem todas as línguas possuem uma manifestação morfológica verbal específica para marcar o *perfect*,<sup>1</sup> considerando todos os significados relacionados a essa noção. Dentre as línguas que marcam essa noção, o inglês é uma das principais línguas que guiam a literatura mundial acerca desse fenômeno, com foco no Present Perfect.

No entanto, no inglês estadunidense (doravante, AmE), o uso do Simple Past para representar situações resultativas e de passado indefinido recente tem se revelado mais natural do que o uso do Present Perfect (LEECH, 2004). Haveria, assim, uma competição<sup>2</sup> do Present Perfect com o Simple Past (doravante, PrP e SP, respectivamente), especialmente, nos sentidos do *perfect* que seriam classificados como *perfect* de resultado ou resultativo (MITTWOCH, 2008; SCHADEN, 2009; YOON, 2012).

A despeito de o *perfect* resultativo nem sempre ser abarcado como subcategoria nas propostas de categorização teórica do fenômeno, a ideia de resultado é de suma importância para caracterização do *perfect* (IATRIDOU; ANAGNOSTOPOULOU; IZVORSKI, 2003). Por isso, o estudo da competição entre PrP e SP em contextos que ressaltam o estado resultante de uma situação revela-se interessante para o entendimento da categoria *perfect*.

---

1 Adota-se o termo *perfect*, em língua inglesa, por conta da tradição na literatura e a fim de se evitar a confusão que pode ser gerada pelo uso do termo "perfeito" no português. Além disso, optou-se (i) por manter os termos referentes às formas verbais em língua inglesa e (ii) pelo uso de letras iniciais maiúsculas na referência a formas morfológicas de línguas particulares (e.g. Simple Past) e de letras iniciais minúsculas para classificações semânticas gerais (e.g. *perfect* de resultado).

2 Esclarece-se que, apesar da adoção do termo "competição", este artigo não adere ao Modelo de Competição de MacWhinney e Bates. Neste trabalho, assume-se como pressuposto a existência de um conjunto universal de traços sintáticos compartilhado por todas as línguas. Logo, as diferenças entre as línguas seriam consequência do modo como esses traços são realizados morfológicamente (SIGURDSSON, 2005), podendo ser reorganizados diacronicamente.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo investigar a competição entre PrP e SP na expressão do aspecto *perfect* resultativo na língua inglesa. Especificamente, testa-se a hipótese de que, no AmE, contextos de transição, com estado-alvo resultante relevante no presente (compatíveis com resultativos fortes), são representados preferencialmente pelo SP.

Para tanto, adota-se um estudo de caso triplo com base na aplicação de um experimento<sup>3</sup> de produção oral semiespontânea. Essa escolha considera a importância de uma descrição da realização linguística de situações condizentes com o *perfect* resultativo e suas questões sintático-semântico-pragmáticas, não só para a teoria gramatical como para futuras aplicações ao ensino da língua inglesa. Pretende-se, então, com esta descrição, partir do significado para a forma, a fim de mapear as realizações morfológicas dos traços universais de *perfect*.

Portanto, mais do que colocar à prova a hipótese sobre a preferência pelo SP em relação ao PrP, neste artigo, desenvolve-se uma análise qualitativa da realização linguística da noção de relevância do estado resultante relevante fruto de uma situação passada. Avaliam-se o potencial de elicitación do experimento proposto e a produtividade das formas verbais SP e PrP para representar essa relevância do estado resultante, numa comparação: (i) dessas formas verbais com todas as outras realizadas pelos informantes e (ii) entre o SP e PrP especificamente. Dessa forma, espera-se fundamentar futuros estudos quantitativos, fortalecendo a literatura existente sobre o *perfect* resultativo, composta, majoritariamente, por propostas teóricas baseadas em dados intuitivos.

Tendo em vista o exposto, o artigo se organiza da seguinte

---

<sup>3</sup> Agradecemos ao estudante Renan Nascimento (UFRRJ) por sua importante contribuição para este estudo, por meio da construção da versão final deste experimento, durante sua Iniciação Científica, sob orientação da professora Adriana Lessa.

forma. Na seção 1, conceitua-se o aspecto *perfect*, com base nas questões relacionadas à definitude temporal, à marcação adverbial e às noções abarcadas pelo *perfect*. Na seção 2, discute-se a literatura acerca do *perfect* resultativo e de como ele se realiza no AmE. Na seção 3, apresenta-se a metodologia. Nas seções 4 e 5, apresentam-se os resultados, a análise da representação verbal da noção de relevância do estado resultante e a discussão sobre a competição entre SP e PrP. Finalmente, na seção 6, apresentam-se as considerações finais.

## 1 A caracterização do Present Perfect

Na tentativa de caracterizar o fenômeno linguístico do *perfect*, existe um extenso debate na literatura acerca de sua natureza. Neste artigo, assume-se *perfect* como um intervalo de tempo, conhecido como *perfect time span* (doravante, PTS), já que abarca a relação do momento do evento com um momento de referência, que pode ser passado, presente ou futuro (MCCOARD, 1978; IATRIDOU; ANAGNOSTOPOULOU; IZVORSKI, 2003). No entanto, já que o PrP é o objeto de estudo deste trabalho, focaliza-se a noção aspectual de relevância de alguma situação passada no presente, que, segundo Comrie (1976), seria a definição mais geral de *perfect*.<sup>4</sup> Dessa forma, dá-se conta de aspectos semântico-pragmáticos e sintáticos que o diferenciam de outras formas morfológicas. No caso do PrP, no inglês, segundo Portner (2003), dentre as propriedades do PrP, está a impossibilidade de ser acompanhado por advérbios de tempo que realizem marcação temporal de passado, conforme

---

<sup>4</sup> Coaduna-se, então, com a proposta de Dowty (1979), que abarca a proposta de PTS de McCoard (1978), mas continua considerando a relevância da situação resultante uma noção geral desse aspecto por meio de implicatura.

o autor demonstra pelo contraste entre os exemplos a seguir:

- (1) \*John has arrived yesterday;
- (2) John has arrived today.

Essa restrição sintática costuma ser a principal característica do PrP apresentada a aprendizes do inglês não nativos, acompanhada da indicação contrastiva de que haveria uma preferência pela realização do SP acompanhado de um advérbio (QUIRK *et al.*, 1980, p. 194).<sup>5</sup> É de conhecimento comum que, pedagogicamente, em contextos de ensino de inglês, essa preferência pela realização do SP acompanhado de um advérbio acaba sendo apresentada como uma prescrição de que o SP só deve ser utilizado quando acompanhado de um advérbio, e o PrP, quando não há marcação adverbial de passado definido. No entanto, conforme Michaelis (1994) e Leech (2004) explicitam, a distribuição dessas formas verbais seria atribuída pela definição temporal da sentença. Enquanto o PrP, no seu sentido de passado indefinido, não nomeia um ponto no tempo específico, um ponto de referência (ou ponto âncora) específico, o uso apropriado do SP, normalmente, requer tal especificação no inglês britânico por meio de: (a) uma expressão adverbial de tempo, *e.g.* “I saw him Tuesday”; (b) um uso anterior do past ou perfect tense, *e.g.* “I saw/I have seen him this morning – he came to borrow a hammer”; ou (c) por uma definição implícita, assumindo mentalmente um determinado ponto de referência pelo contexto, ainda que seja só do ponto de vista do falante (e não do ouvinte), *e.g.* “Did you hear that noise?” (LEECH, 2004, p. 41-42). Isso significa que, apesar de o PrP também se referir

---

<sup>5</sup> Cf. Lessa e Salgado (2019) para uma revisão da forma como as principais gramáticas descritivas do inglês apresentam a noção de aspecto, comparando as formas morfológicas SP e PrP.

ao passado, expressando precedência ou anterioridade como um *tense* (IATRIDOU; ANAGNOSTOPOULOU; IZVORSKI, 2003), o SP expressaria uma situação passada em um momento especificado, que poderia estar explícito na sentença ou ser inferido pelo contexto pragmático (MICHAELIS, 1994).

Na mesma direção, mas de forma ainda mais abrangente, Leech (2004) afirma que o PrP se diferencia do SP quanto a três aspectos: tempo indefinido, continuação até o presente e resultado presente. Esses fatores são observados em diferentes referências da literatura. Em primeiro lugar, a ideia de tempo indefinido se relaciona com o debate já exposto acerca da marcação adverbial. Em segundo, a ideia de continuação até o presente dialoga com a proposta da Teoria do Agora Estendido (Extended Now Theory, cf. McCoard, 1978), que se refere ao PTS que começa no passado e inclui o momento da fala. Aliás, Portner (2003, p. 496) defende que a restrição sintática em relação aos advérbios (quanto à definitude do tempo) poderia ser substituída pela restrição de que “um PrP é inaceitável se o evento que ele descreve não se enquadra como um Agora Estendido plausível”, a qual também daria conta do primeiro ponto. Por fim, a ideia de resultado presente indica que o resultado da situação descrita ainda perdura, como no contraste a seguir, apresentado por Leech (2004, p. 41):

- (3) Peter injured his ankle (‘...but now it’s better’).
- (4) Peter has injured his ankle (‘His ankle is still bad’).

Nesse caso, o SP se distinguiria do PrP pelo fato de seu estado resultante não se manter no presente, sendo, no caso da ausência desse estado resultante, requerida a primeira forma

(MITTWOCH, 2008). Segundo Yoon (2012), essa relevância do ponto de avaliação *perfect*<sup>6</sup> (doravante, PEpt) deve ser satisfeita em todos os usos do *perfect*. Esse seria um sentido comum do *perfect* no inglês, que ajuda a diferenciá-lo do SP.

Esses fatores estariam envolvidos no que Schaden (2009) chama de competição entre o PrP e o SP. Nessa competição, é importante ressaltar, o SP é considerado a forma morfológica *default* ou não marcada, e o PrP, a forma marcada. Essa proposta teórica parece dar conta da frequência dessas formas, já que, segundo Leech (2004, p. 40), “o PrP é muito menos frequente que o SP”, e, considerando-se apenas o PrP, dentre os sentidos por ele abarcados, o resultativo — foco deste artigo — seria o mais comum, seguido pelo passado indefinido (sem uma implicação resultativa).<sup>7</sup>

Na verdade, o *perfect* possui sentidos tão diversos, que, para dar conta do fenômeno teoricamente, os autores acabam por adotar subdivisões. Tais subdivisões também variam bastante, ainda que se observem traços semelhantes nessa diversidade. O Quadro 1 busca ilustrar isso sucintamente, de modo a permitir o entendimento acerca do *perfect* resultativo em três subdivisões comumente adotadas e referidas na literatura, acompanhadas de suas respectivas definições e exemplos, conforme os autores.

---

6 Ponto de avaliação *perfect* é tradução de Perfect Evaluation Point (PEpt). No caso do Present Perfect, que se ancora no tempo presente, o PEpt é, geralmente, o momento da fala. (MITTWOCH, 2008).

7 A proposta de usos (ou sentidos) de Leech (2004) para o PrP é um tanto diferente daquelas comumente encontradas na literatura. O autor adota as seguintes nomenclaturas para tais usos/sentidos: *state-up-to-the-present*; *indefinite past*; *habit-up-to-the-present* e *resultative past*.

### Quadro 1 - Perfect e suas subdivisões teóricas

Comrie (1976)	Iatridou; Anagnostopoulou; Izvorski (2003)	Mittwoch (2008)
<p><b>Perfect de situação persistente</b> – situação iniciada no passado que persiste até o presente. Exemplo: “I’ve been waiting for hours.”</p>	<p><b>Perfect universal</b> – ação ou estado com duração que tem início em ponto não especificado no passado e se estende até o momento de fala.  Exemplo: “I have been sick since 1990.”</p>	<p><b>Perfect universal</b> – um estado permanece em um intervalo de tempo que se estende até o momento de avaliação.  Exemplo: “The meaning of the perfect has been debated for more than 200 years.”</p>
<p><b>Perfect de experiência</b> – experiência de uma situação ao menos uma vez em algum ponto do passado.  Exemplo: “Bill has been to America.”</p>	<p><b>Perfect existencial</b> – situações singulares que não ocorrem no momento de fala; experiências. Termo guarda-chuva para <i>perfect</i> de resultado, passado recente e experiência de Comrie (1976).</p>	<p><b>Perfect experiencial</b> – ocorre um evento ao menos, denotado pela sentença base, em um intervalo que se finaliza no momento de avaliação.  Exemplo: “I’ve occasionally driven without my license.”</p>
<p><b>Perfect de resultado</b> – um estado presente é resultado de uma situação passada.  Exemplo: “I have had a bath.”</p>	<p>Exemplos: “I have read ‘Principia Mathematica’ five times.” (experiência)  “I have lost my glasses.” (resultado)</p>	<p><b>Perfect resultativo</b> – há um evento experiencial, do qual o estado do momento de referência é resultado.  Exemplo: “Policeman (on road): Can I see your license please. Driver: I’ve left it at home.”</p>
<p><b>Perfect de passado recente</b> – relevância presente de uma situação passada por conta de sua proximidade temporal.  Exemplo: “Bill has just (this minute) arrived.”</p>	<p>“He has just graduated from college.” (passado recente)</p>	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O quadro permite a comparação entre três formas distintas de categorização do aspecto *perfect*, conforme Comrie (1976), Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Mittwoch (2008), respectivamente. As cores utilizadas no corpo do quadro indicam as semelhanças semânticas entre as categorizações de *perfect*.

Para estabelecimento da comparação entre os tipos de *perfect*, tome-se por base a classificação de Iatridou, Anagnostopoulou, Izvorski (2003), por seu caráter minimalista, em duas categorias: *perfect* universal e *perfect* existencial. Conforme se observa na primeira linha do quadro, realçada pela cor verde, há uma consonância entre os autores no que tange ao aspecto que representa situações que se iniciaram no passado e se estendem até o presente, classificado, inicialmente, por Comrie (1976), como *perfect* de situação persistente e, depois, assumido por Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Mittwoch (2008) como *perfect* universal.

Na perspectiva de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), o *perfect* existencial seria uma categoria de *perfect* caracterizada pelo fato de não englobar o momento presente de referência. Essa caracterização é compatível com as duas classes aspectuais assumidas por Mittwoch (2008) — *perfect* experiencial e resultativo — e as três classes propostas por Comrie (1976) — *perfect* de experiência, de resultado e de passado recente —, já que nenhuma dessas classes abarca o momento presente, a despeito de suas características específicas.

É importante destacar, no entanto, que Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) questionam o *status* do *perfect* de resultado como uma categoria independente, posicionamento sobre o qual não chegam a discorrer. Esse posicionamento, no entanto, remonta ao debate acerca do traço de

relevância do estado resultante para a noção de *perfect*. Segundo Nespoli (2018, p. 154), o traço [+ resultativo] seria “essencial para se instanciar o intervalo PTS tanto no que diz respeito às sentenças que apresentam *perfect* universal quanto no que diz respeito às sentenças que apresentam *perfect* existencial”. Sendo o traço [+resultativo] condição para instanciar o *perfect* em suas duas subcategorias, há sentido em questionar-se a existência de uma subcategoria *perfect* resultativo, sobre a qual se aprofunda o debate na próxima seção.

## 2 O *perfect* resultativo no AmE

Na seção anterior, indicou-se a dúvida de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) quanto ao *status* do *perfect* de resultado como uma das subcategorias do *perfect*. Essa dúvida parece se relacionar com o fato, indicado por Mittwoch (2008), de que o resultativo não é claramente demarcado como categoria na literatura. Essa ausência de clareza também parece afligir o *perfect* de passado recente, somente considerado como categoria independente por Comrie (1976), dentre os autores apresentados na seção 2.

Sem apontar a existência de uma categoria de *perfect* de passado recente, Michaelis (1994) e Yoon (2012) debatem o traço de recência no âmbito do *perfect* resultativo. Há uma discordância quanto a esse ponto entre as autoras: enquanto Yoon (2012) considera que o *perfect* resultativo descreve uma situação única que é finalizada próxima ao PEpt, Michaelis (1994) demonstra que, na realidade, recência não é um traço obrigatório ao *perfect* resultativo. No entanto, ainda que não o considere essencial para caracterizar o resultativo, Michaelis (1994) afirma

que a identificação de recência quanto ao momento de fala seria um fator a favor de uma leitura resultativa. Corroborando essa visão, Mittwoch (2008) defende que a proximidade da situação ao momento de fala (ou ainda, ao PEpt) é um fator que ancora uma situação ao presente, o que se espera de uma situação que provoca um estado no presente. Reconhece-se, então, um ponto de convergência nesse debate: de algum modo, o *perfect* resultativo estaria relacionado à ideia de passado recente.

Assumindo-se o *perfect* resultativo como uma categoria independente, os casos claros que seriam incluídos nessa categoria, de forma unânime, segundo Mittwoch (2008), seriam aqueles que, além de possuir uma sentença-base télica, denotam transições. Essas transições consistiriam em um evento e um estado resultante determinado pelo significado do predicado, configurando o que Parsons (1990) chama de “estado-alvo” (*target states*), ou seja, o argumento interno da sentença evento é tema e sujeito da sentença estado.

Com base nessa concepção, a autora sugere a existência de dois tipos de resultativos: fortes e fracos. Ela considera resultativos fracos aqueles que não envolvem estados-alvo. Logo, no caso de resultativos fortes, uma sentença evento no PrP licencia a inferência de que o estado se mantém no momento da fala.

Sendo assim, a sentença “Mary has locked the door” licenciaria a inferência de que “The door is locked” e a sentença “John has arrived in Paris” licenciaria a inferência de que “John is in Paris”. No caso de resultativos fracos, esse tipo de inferência não seria licenciado, pois não envolveriam estados-alvo. Para ilustrar, a autora explica que “Have you seen my slippers?” poderia transmitir a ideia de “Do you know where

my slippers are?”. No entanto, saber a localização de algo é um estado resultante provável, mas não é o estado-alvo de ter visto tal coisa. Do mesmo modo, “Mary has read Middlemarch” seria um evento télico, mas não denotaria uma transição, pois saber o conteúdo de um livro não seria o estado-alvo do ato de sua leitura. Portanto, esses seriam resultados determinados pragmaticamente.

Neste artigo, focalizam-se situações compatíveis com a produção de resultativos fortes. No entanto, a despeito dos diferentes tipos de inferência envolvidos na interpretação dos resultativos, fortes ou fracos, observa-se a relevância do estado resultante para essa categoria de *perfect*. Se a relevância no momento de referência parece ser o principal fator semântico que distingue PrP de SP, a singularidade da situação no passado é um fator em comum importante para determinar a escolha por essas formas, gerando uma competição, conforme Mittwoch (2008). Essa competição justifica o fato de tanto situações resultativas quanto de passado indefinido recente se revelarem mais naturais com o SP no AmE, como em “Why are you limping? Did you hurt your foot?” e “Did your sister phone yet?” (LEECH, 2004), com indicações de que a mesma tendência está se iniciando no inglês britânico. Os estudos de Lopes (2016) e Machado (2019), apresentando dados de experimentos *off-line* e de fala espontânea, acabam por corroborar a existência dessa competição no *perfect* na língua inglesa. Lopes (2016) indica que, no inglês britânico, o SP é mais uma realização morfológica possível do *perfect* existencial. E Machado (2019) aponta que, no inglês americano, tanto o PrP (com ou sem apagamento do verbo auxiliar) quanto o SP são realizações morfológicas do *perfect* existencial associado ao tempo presente, sendo relevante o papel dos advérbios nessa marcação.

A realização única e em curto intervalo de tempo das situações que expressam *perfect* resultativo o aproximariam do SP, conforme Michaelis (1994). A autora chega a apontar como, no AmE,<sup>8</sup> o SP está expandindo sua semântica para abarcar aquela associada ao *perfect* resultativo (MICHAELIS, 1994, p. 125). Logo, o SP poderia ser marcado como não anafórico, permitindo uma leitura resultativa. Isso parece indicar que essa morfologia pode incluir uma leitura semântica compatível com o *perfect* resultativo. Para a autora, assim como, no chinês, o uso da marca de *perfect* representa uma demanda por ação por parte do interlocutor, no inglês, estados que não possuem um papel em determinar o curso iminente das ações são fracos candidatos à realização do *perfect*.

Ao abordar a competição causadora dessa variação morfológica, Schaden (2009, p. 128) comenta sobre contextos em que a relevância no momento presente — principal fator semântico para o *perfect* — parece ser pelo menos fortemente sugestiva. Esses fatores, levados em consideração na metodologia deste trabalho, seriam: (a) quando “alguma importante consequência a esse evento é requerida” e (b) quando “o enunciado é precedido por uma exclamação como “Oh my god!”, “Yesss!” ou “Look!”. Nesses contextos, o SP seria impossível no francês ou no alemão, enquanto funcionaria bem no inglês e no espanhol.

Por isso, o autor compara o comportamento do PrP nessas línguas. Ressalta que, embora o PrP, no inglês e no espanhol, “tenha sido às vezes caracterizado como um melhor exemplo de *perfect* devido a seu caráter dominante de relevância atual, ele não é o único jeito de expressar relevância atual” (SCHADEN,

---

<sup>8</sup> De acordo com Michaelis (1994, p. 116), a leitura resultativa de sentenças com PrP, associada ao *perfect* resultativo, é obtida por restrições sintáticas, semânticas e pragmáticas, denominadas pela autora como RPC (Resultative Present Perfect Construction).

2009, p. 129). No francês e no alemão, por outro lado, não há outra escolha que não seja o uso do PrP.

### Figura 1 - A representação de relevância atual pelo PrP e o SP

a. English, Spanish:



b. French, German:



Fonte: Schaden (2009, p. 130).

Conforme os conjuntos explicitam, a competição entre o PrP e o SP revela resultados diferentes entre as línguas no que diz respeito à expressão da noção de relevância atual. No inglês, assim como no espanhol, é quase sempre **possível** usar o SP e, às vezes, é **preciso** usá-lo, de forma oposta ao francês e ao alemão, em que é quase sempre **possível** usar o PrP e, às vezes, é **preciso** usá-lo.

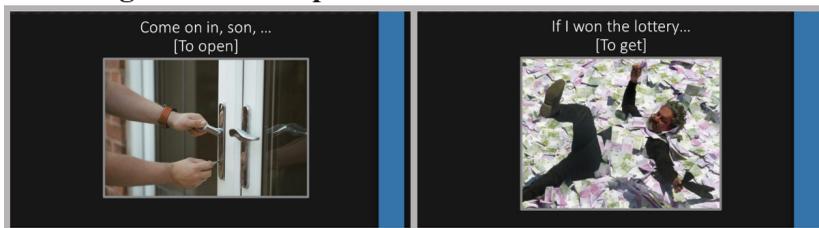
Todas as considerações apontadas até aqui demonstram a complexidade do *perfect* resultativo, tendo em vista suas características semântico-pragmáticas e restrições sintáticas que licenciam sua leitura. Ademais, restam claros os motivos pelos quais o SP torna-se candidato à competição com o PrP na realização do *perfect* resultativo.

### 3 Metodologia

A fim de cumprir o objetivo deste trabalho de investigar a competição entre Present Perfect e Simple Past na expressão do aspecto *perfect* resultativo na língua inglesa, adota-se uma análise de caráter qualitativo, com base em um experimento de produção oral semiespontânea. Esse experimento foi originalmente criado por Matos (2016) para investigar a realização do *perfect* no português do Brasil, e a versão adaptada para a língua e cultura inglesa apresentada neste artigo foi criada e testada por Nascimento (2017). Neste artigo, apresenta-se um estudo de caso triplo a partir da aplicação desse experimento.

O experimento de produção oral semiespontânea é composto por 30 lâminas, sendo 10 delas alvo e 20 distratoras. Em cada lâmina, havia (i) uma sentença-preâmbulo, com uma lacuna ao seu final, seguida de um verbo na forma infinitiva, indicado entre colchetes, e (ii) uma imagem, indicando uma situação resultado que perduraria no presente enunciado pela sentença-preâmbulo. Na Figura 2, apresentam-se exemplos de lâminas alvo e distratora.

**Figura 2 - Exemplos de lâmina alvo e distratora**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Nas lâminas alvo, tanto as imagens quanto as informações verbais indicavam eventos singulares, télicos, com verbos que

se referem a um evento passado com um estado resultante, do tipo resultativo forte, conforme Mittwoch (2008), com possível inferência de recência da situação geradora do estado resultante. Contempla-se, ainda, Schaden (2009), no que tange aos contextos sugestivos à relevância no momento de referência, com uma importante consequência ao evento da sentença-preâmbulo e controle de uso de enunciados exclamativos, como se observa no Quadro 2, disponível na seção 4. Controla-se, ainda, a possível influência da presença de conector indicando relação de causa-consequência nas sentenças-preâmbulo. Dessa forma, elicita-se o *perfect* resultativo.

Antes do experimento, o participante era orientado a simular um contexto de conversa informal, devendo ler a sentença-preâmbulo em voz alta, como se estivesse atuando, e completar a lacuna da forma mais espontânea possível, utilizando o verbo entre colchetes, de modo a contemplar a imagem fornecida. No intuito de estimular as respostas a serem o mais autênticas possível, foram introduzidas marcas de oralidade nas sentenças.

Com esse experimento, busca-se colocar à prova a seguinte hipótese, inspirada nas propostas de Mittwoch (2008) e Schaden (2009): no AmE, contextos de transição, com estado-alvo resultante relevante no presente (compatíveis com resultativos fortes), são representados pelo SP preferencialmente. O experimento foi aplicado a três voluntários da cidade de Filadélfia, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos da América. A aplicação foi conduzida, presencialmente, em ambiente isolado, de convívio diário dos participantes, por uma aplicadora devidamente treinada para tal, com registros feitos por meio de gravações. Os critérios de seleção dos informantes eram: ter o AmE como primeira língua, ter ensino superior

concluído ou em andamento, ter idade de 20 a 40 anos. Para preservar a identidade dos informantes, eles são referidos como “informante 1”, “informante 2” e “informante 3”.

A análise qualitativa dessa elicitación se divide em duas partes, correspondentes às seções 4 e 5 deste artigo. Na primeira parte, avalia-se o potencial do experimento proposto de elicitar a noção de relevância do estado resultante de uma situação passada e a produtividade das formas verbais SP e PrP para representar essa relevância do estado resultante em comparação a outras formas verbais. Na segunda parte, analisa-se, especificamente, a competição entre SP e PrP, foco deste artigo.

#### **4 Análise da representação verbal da noção de resultado**

Nesta seção, analisam-se as formas verbais utilizadas pelos informantes no experimento adotado nesta investigação. Dessa forma, avalia-se o potencial do experimento de elicitar a noção de relevância do estado resultante de uma situação passada e a produtividade das formas PrP e SP para expressão dessa noção, considerando as outras realizações morfológicas constatadas nos dados como um todo. Para tanto, os resultados são apresentados de forma detalhada, com as respostas fornecidas por cada informante, e, de forma consolidada, contabilizando a quantidade de ocorrências de cada manifestação morfológica. No Quadro 2, apresentam-se os estímulos e as respostas para o experimento por informante, de forma detalhada.

## Quadro 2 - Respostas detalhadas dos informantes com classificação das formas verbais

Estímulo	Informante 1	Forma verbal	Informante 2	Forma verbal	Informante 3	Forma verbal
<b>1. John told me he's in the hospital 'cause... [to break]</b>	He broke his leg.	SP	He broke his leg.	SP	He broke his leg. I need to go visit him.	SP
<b>2. I want to report a crime 'cause... [to steal]</b>	Someone's been stealing.	PrPC	I got stolen.	SP (PasV)	My phone was stolen by a man on a bicycle.	SP (PasV)
<b>3. I hope it doesn't rain 'cause... [to wash]</b>	I washed my car.	SP	I need to wash my car.	SPr	I just washed my car.	SP
<b>4. I'm supporting an institution that fights against cancer, that's why... [to shave]</b>	I shaved my head.	SP	I'm shaving my head.	PrC	I shaved my hair, to show solidarity.	SP
<b>5. Come on in, son, ... [to open]</b>	I've opened the door.	PrP	I've opened the door.	PrP	The garage is open. You can park your car in there.	SPr
<b>6. Mom, can I go out and play?... [to finish]</b>	I finished my chores.	SP	I finished my homework.	SP	I've finished all my homework.	PrP
<b>7. Mom, where's the cash you promised me?... [to mow]</b>	For mowing the lawn.	G	For mowing the lawn.	G	For mowing the lawn. I'm all done now.	G
<b>8. Laura's all bright and shiny 'cause... [to win]</b>	She won a car.	SP	She won a car.	SP	She won a new car.	SP

**A competição entre Simple Past e Present Perfect no inglês estadunidense:  
um estudo de caso sobre o perfect resultativo forte**

<b>9. Look at that, dude! ... [to complete]</b>	I completed my collection (My collection is complete).	SP	I completed my set.	SP	I have the complete set of Netherland's football team cards.	SPr
<b>10. Let's eat out today, 'cause... [to burn]</b>	I burned dinner.	SP	I burned the food.	SP	I burned breakfast.	SP
Legenda: Simple Past (SP), Passive Voice (PasV) Present Perfect (PrP), Present Perfect Continuous (PrPC), Simple Present (SPr), Present Continuous (PrC) e Gerund (G).						

**Fonte: Elaborado pelos autores.**

Conforme se observa, as respostas do experimento contaram com diferentes formas morfológicas verbais. A fim de permitir uma visão consolidada dos resultados, no Quadro 3, contabiliza-se o número de ocorrências, total e por informante, de cada forma verbal. Apesar de não se focalizarem as realizações de expressões adverbiais neste artigo, destaca-se a ausência de marcação adverbial na produção dos informantes 1 e 2 e a presença de um único advérbio — *'just'* — na produção do informante 3, fato sobre o qual também se comenta na seção 5.

**Quadro 3 - Resultados<sup>9</sup> consolidados por morfologia verbal e por informante**

Forma verbal	Informante 1	%	Informante 2	%	Informante 3	%	Total	%
<b>Present Perfect</b>	1 (resposta 5)	10%	1 (resposta 5)	10%	1 (resposta 6)	10%	3	10%
<b>Simple Past</b>	7 (respostas 1, 3, 4, 6, 8, 9, 10)	70%	5 (respostas 1, 6, 8, 9, 10)	50%	5 (respostas 1, 3, 4, 8, 10)	50%	17	56,6%
<b>Simple Past (PasV)</b>	-	-	1 (resposta 2)	10%	1 (resposta 2)	10%	2	6,6%

<sup>9</sup> Os percentuais totais correspondem ao valor aproximado em até uma casa decimal.

Simple Present	-	-	1 (resposta 3)	10%	2 (respostas 5 e 9)	20%	3	10%
Gerund	1 (resposta 7)	10%	1 (resposta 7)	10%	1 (resposta 7)	10%	3	10%
Present Perfect Continuous	1 (resposta 2)	10%	-	-	-	-	1	
Present Continuous	-		1 (resposta 4)	10%	-	-	1	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como o Quadro 3 mostra, a maioria das respostas apresenta a morfologia de SP, considerando-se tanto a produção de cada participante individualmente quanto o conjunto de respostas dos informantes. Somando-se as realizações de SP na voz ativa e na voz passiva, tem-se 19 das 30 respostas, o que ultrapassa 60% das produções dos informantes. A morfologia do PrP apareceu em apenas uma das respostas de cada informante, totalizando 3 realizações. Isso equivale a 10% do total. Até mesmo considerando-se apenas as realizações de SP e PrP, as realizações de PrP correspondem a, aproximadamente, 15% das respostas.

No entanto, além da variação entre SP e PrP, com predominância da primeira forma, houve outras realizações morfológicas, quais sejam: Gerund; Present Perfect Continuous e Present Continuous. O uso do gerúndio na oração dependente “for mowing the lawn” também pressupõe a ideia de resultado da grama cortada, porém, de forma indireta, por meio da combinação entre o gerúndio e a conjunção “for”, cujo significado se assemelharia a “because” (LARSEN-FREEMAN; CELCE-MURCIA, 2016, p. 490). Nessa produção, a ação denotada pela oração reduzida de gerúndio “mowing the lawn” seria a causa para a promessa de dinheiro; compatível com a leitura de *perfect* resultativo.

Nas formas verbais Present Perfect Continuous e Present Continuous, observa-se a marcação da relevância presente da situação, ainda que se tenha uma diferença de sentido aspectual: a continuidade do estado resultante marcada pela progressividade. No caso do Present Perfect Continuous, na resposta “Someone’s been stealing”, o participante expressa a ideia de iteratividade, como se os roubos fossem habituais na região e tivessem afligido diferentes vítimas, não só o falante interpretado pelo participante. Esse caráter de persistência faz com que ele possa ser interpretado como uma realização de *perfect* de situação persistente, conforme definição de Comrie (1976), ou de *perfect* universal, de acordo com as definições de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Mittwoch (2008). No caso do Present Continuous, na resposta “I’m shaving my head”, atribui-se o sentido de continuidade, como se o falante estivesse raspando a cabeça no momento da fala ou num futuro próximo. A escolha pelas formas progressivas seria condizente com a proposta de associar o *perfect* universal (ou de situação persistente) ao valor aspectual de continuidade (NESPOLI; MARTINS, 2018; NESPOLI, 2018). Portanto, apesar de os informantes terem optado por ressaltar a ideia de continuidade, que seria condizente com o *perfect* universal, mantém-se o traço aspectual [+resultativo], conforme Nespoli (2018).

No caso do Simple Present, a força dos traços de relevância e continuidade aspectual gerou, inclusive, um desvio do comando do experimento. Ocorreram dois usos,<sup>10</sup> nas respostas 5 e 10, pelo informante 3, ambos com desvios do propósito da lâmina.

---

<sup>10</sup> Na verdade, ocorreram três usos do Simple Present. No entanto, a resposta “I need to wash my car”, do informante 2, é desconsiderada nesta análise, pelo fato de a produção indicar incompreensão, por parte do informante, da relação semântica entre a sentença-préambulo e a alvo, já que a esperança de que não chovesse seria fruto do desejo de manter como resultado o carro limpo, fruto da lavagem ocorrida no passado. Portanto, não há compatibilidade semântica entre o desejo de que não chova e a necessidade de lavar o carro, ressaltada na produção do informante.

De acordo com as orientações do experimento, o participante deveria utilizar o verbo entre colchetes em sua produção. Logo, no primeiro caso, enquanto deveria ser usado o verbo “*to open*”, o informante fez uso do adjetivo *open* (“aberto”) em uma sentença com um verbo de ligação (“*is*”). No segundo, enquanto a lâmina propunha o uso do verbo “*to complete*”, na resposta, obteve-se uma sentença com o verbo “*have*”, no seu sentido de posse, e o sintagma nominal *complete set* (“conjunto completo”), ou seja, também se usou o adjetivo “*complete*”, homógrafo ao verbo no infinitivo. Portanto, o uso do Simple Present é tão compatível com a noção de relevância atual que levou os participantes a, inclusive, alterarem, estruturalmente, o uso dos verbos entre colchetes, desviando-se do comando fornecido ao início do experimento.

O mesmo destaque ao estado resultante parece ter gerado, no caso do SP, o uso da voz passiva com verbo “*to be*”, na resposta 2 do informante 3, e com o verbo “*to get*”, na resposta 2 do informante 2. Segundo Larsen-Freeman e Celce-Murcia (2016, p. 351), a voz passiva seria a voz marcada, em contraste à versão não marcada, que seria a voz ativa. Certamente, o verbo “*to steal*” propicia o uso da passiva, pelo fato de o agente ser desconhecido. Para as autoras, especificamente, as passivas seriam usadas para colocar diferentes constituintes em foco, o que parece abarcar a situação sob análise. Porém, ao especificar as diferenças de significado fornecidas pela voz passiva, elas apenas mencionam uma diferença de valor de verdade na produção de afirmações genéricas. Aponta-se aqui, apesar de as autoras não o indicarem, afinidade entre a ideia de genericidade e a ideia de focalizar o estado resultante, devido à distorção do foco na agentividade que provoca a situação.

Demonstra-se, assim, que a voz passiva, como as outras formas mencionadas nesta análise, são marginalizadas na literatura que discute a realização do aspecto *perfect* resultativo em detrimento das formas verbais sistematizadas paradigmaticamente, no caso do inglês, o PrP e o SP. No entanto, isso não significa que essas não sejam formas verbais produtivas para realização do aspecto *perfect*. Muito pelo contrário, suas realizações em nosso experimento indicam a pertinência de estudos futuros sobre esses usos aspectuais do *perfect*, discutindo se essas formas, de fato, marcariam a noção de relevância do estado resultante de uma situação passada ou apenas teriam se tornado mais produtivas em contextos potenciais para o uso do PrP. No segundo caso, pressupõe-se que o valor de “relevância do estado resultante” não seria nem cognitivamente proeminente nem linguisticamente marcado. Independentemente de qual seja o caso,<sup>11</sup> ressalta-se que as formas verbais identificadas, no presente estudo, vão ao encontro dos achados de outras pesquisas que partem do significado para a forma, com base tanto em dados de fala espontânea quanto de experimentos *off-line* (LOPES, 2016; JESUS *et al.*, 2017; NESPOLI, 2018; MACHADO, 2019).

Estudos que partem dessa lógica do significado para a forma são interessantes para um mapeamento da produtividade das estruturas sintáticas que representam linguisticamente determinado sentido em uma dada língua. Em consonância com os dados deste artigo, no mapeamento de Lopes (2016) sobre o inglês britânico, por exemplo, o Present Continuous e o Simple Past são apresentados como realizações morfológicas do *perfect*

---

<sup>11</sup> Esta é uma dúvida imamente ao estudo de aspecto, já que o ponto de vista do falante se distingue da realidade, não sendo necessariamente objetivo. (COMRIE, 1976, p. 4). Portanto, é necessário um exercício sistemático de reflexão sobre a busca de metodologias que capturem diferentes tipos de dados, ainda que, eventualmente, conclua-se que a tentativa de descobrir se o falante que opta por essas formas verbais estaria, de fato, marcando a noção de relevância do estado resultante de uma situação passada se assemelhe à tentativa de descobrir se um determinado observador do experimento de Schrödinger dirá que o gato “vivo-morto” dentro da caixa está vivo ou morto.

universal e existencial, respectivamente. Segundo a autora, apesar de dispor do PrP como uma forma específica para representação do *perfect*, essa variedade do inglês estaria seguindo um padrão semelhante ao do português do Brasil (doravante PB). No PB, conforme Novaes e Nespoli (2014), o *perfect* universal pode ser realizado pelo passado composto, pelo presente do indicativo e pela perífrase “estar” + gerúndio; e o *perfect* existencial pode ser realizado pela combinação do pretérito perfeito com outros elementos na sentença. Portanto, os dados do presente artigo vão ao encontro da tese de Lopes (2016). Além disso, no que tange à noção de resultado, essa diversidade de formas verbais corrobora a proposta de Schaden (2009), de que o PrP não é o único jeito de expressar relevância atual, apesar de ser o mais focalizado na literatura.

Reconhece-se a fragilidade de um estudo de caso, quanto ao baixo número de participantes do experimento, para defesa de padrões desse gênero, sendo importante sua complementação por futuros estudos quantitativos com base em testes de elicitación. No entanto, pela compatibilidade desses dados com a literatura da área mencionada, defende-se o potencial do formato do experimento utilizado para elicitar a relevância do estado resultante de uma situação passada, noção compatível tanto com o *perfect* universal quanto com o *perfect* existencial.

Por fim, como, neste estudo, focaliza-se a competição entre o PrP e o SP, destaca-se a baixa realização do PrP neste contexto artificial de testagem. Então, na próxima seção, continua-se a análise dos resultados, concentrada no contraste da alta produtividade do SP com a baixa produtividade do PrP nos dados coletados.

## 5 Discussão sobre a competição entre Simple Past e Present Perfect

Os resultados do experimento apontam a predominância do uso do SP e uma única ocorrência de PrP por cada um dos informantes. Por isso, a presente seção se organiza em torno do debate sobre os fatores que motivariam a escolha pelo PrP e pelo SP, considerando aspectos sintático-semântico-pragmáticos envolvidos nesse experimento.

O primeiro aspecto sintático a ser analisado é a definição temporal das sentenças, já que, segundo Leech (2004), esse seria o fator definidor da distribuição dessas formas verbais no inglês britânico. Para o autor, o SP demandaria um momento especificado, explícito por meio de: (a) expressão adverbial, (b) uso anterior do passado, ou (c) ponto de referência mentalmente determinado. No entanto, nenhuma dessas condições era cumprida pela estrutura típica do experimento. As sentenças-preâmbulo tinham verbo em tempo presente, sem advérbio ou qualquer ponto de referência. Nas respostas, também não há qualquer inclusão de expressão adverbial temporal do evento (com exceção do uso de *just*, que não configura um momento especificado). Ainda assim, o SP foi utilizado pelos informantes de forma predominante, descrevendo situações que não se enquadram naquelas indicadas pela literatura como propícias para seu uso (QUIRK *et al.*, 1980; LEECH, 2004). Logo, rechaça-se a proposta de que o SP demanda um momento especificado.

Quanto à proposta referente ao aspecto semântico, que prevê que o estado resultante perdura quando se usa o PrP e não perdura quando se usa o SP, ressalta-se que as imagens-preâmbulo sugerem a validade do estado resultante no momento

de referência. Mesmo assim, o SP foi utilizado nas respostas do experimento. Então, os dados deste estudo de caso também invalidam a pressuposição de que o uso do SP representa a não manutenção do estado resultante no presente (LEECH, 2004; MITTWOCH, 2008).

Por outro lado, a produtividade do SP se justifica pelo fato de as situações elicitadas serem de caráter singular, com realização única em curto intervalo de tempo, características compartilhadas entre SP e PrP. Portanto, a proposta de que o SP estaria sendo utilizado como um *tense* para indicar precedência ou anterioridade, característica compartilhada com o PrP, que também é *tense*, dá conta dos dados (IATRIDOU; ANAGNOSTOPOULOU; IZVORSKI, 2003). Assim, corrobora-se a proposta de Michaelis (1994), de que o SP pode ser marcado como não anafórico, permitindo uma leitura resultativa.

Sendo apontado o uso do SP como *tense* não anafórico que permite uma leitura resultativa, é necessária, ainda, uma análise da improdutividade do PrP nos dados. Observa-se, no experimento, a favorabilidade das condições para sua realização: as situações elicitadas são de caráter singular, mas denotam transições, envolvendo inferências típicas dos resultativos fortes, e com relevância presente (MITTWOCH, 2008). Logo, há compatibilidade das situações elicitadas com o *perfect* não só quanto aos fatores que distinguem o PrP (tempo indefinido, continuação até o presente e resultado presente), mas, especificamente, quanto à subcategoria *perfect* resultativo (situação télica, singular, com relevância no presente). Todavia, conforme já analisado, esses fatores não se revelaram determinantes para a escolha do PrP. Então, analisa-se, a seguir, a possível influência das outras variáveis desse experimento sobre

a produção dos informantes: a presença/ausência de conector indicando relação de causa-consequência e o uso de exclamativa nas sentenças-preâmbulo.

Os conectores que indicam relação de causa-consequência não favoreceram o uso do PrP. Nas seis lâminas-alvo que apresentavam conector (cinco com “*because*” e uma com “*that’s why*”), houve predominância do SP. Das 18 respostas a elas, 15 apresentaram SP, o que equivale a quase 85% das respostas a sentenças-preâmbulo com conectores. Além disso, três dessas lâminas tiveram como resposta unânime o SP na voz ativa (as lâminas de número 1, 8 e 10<sup>12</sup>). Apesar de terem ocorrido outras realizações morfológicas para essas seis lâminas específicas, é importante destacar que, em nenhuma dessas, utilizou-se o PrP. A relação de causa-resultado já estaria sendo linguisticamente marcada de outra forma,<sup>13</sup> no caso, pelo conector *because*, desfavorecendo a escolha pelo PrP.

Em contraste, a ausência de conectores favoreceu o uso do PrP e outras formas verbais, desfavorecendo o uso do SP. A partir das quatro lâminas-alvo sem conector (lâminas de número 5, 6, 7 e 9), com 12 respostas, apenas 4 apresentaram SP, o que corresponde a menos de 35% das respostas. Além disso, as três realizações de PrP do experimento se concentraram nesse grupo, especificamente, nas lâminas 5 e 6.

Quanto ao tipo de sentença-preâmbulo, é necessário um controle mais rígido da distribuição de sentenças imperativas, interrogativas e exclamativas em investigações futuras. Na presente análise, só é possível afirmar o seguinte quanto à forma imperativa e à forma exclamativa nas sentenças-preâmbulo: o

---

<sup>12</sup> Ressalta-se que, embora o SP tenha sido escolhido para a maioria das respostas, com seis a sete realizações por informante, somente nessas lâminas houve unanimidade em seu uso.

<sup>13</sup> Esse debate remonta à proposta de classificação do PrP como implicatura convencional. (MITTWOCH, 2008).

uso do imperativo na lâmina 5 gerou o único caso de ausência de respostas com SP. No entanto, na lâmina 10, o uso do imperativo, com “*let’s*”, que poderia favorecer o uso do PrP, foi sobreposto pela presença do conector de causa-consequência. E o uso da forma exclamativa, na lâmina 9, apesar de configurar um contexto em que a relevância no momento presente seria fortemente sugestiva, conforme Schaden (2009), não foi suficientemente sugestivo para a realização do PrP. Logo, corrobora-se a proposta do autor, de que esses contextos seriam compatíveis com o SP no inglês.

Finalmente, quanto ao PrP, é importante destacar que seu uso não foi unânime em nenhuma das lâminas do teste. No entanto, a lâmina 5 (“Come on in, son, ... [to open]”) contou com duas realizações de PrP e estimulou o uso do Simple Present pelo terceiro informante, já descrevendo o resultado-alvo, o que mostra a relevância do resultado no momento presente. A resposta “The garage is open. You can park your car in there” explicita o resultado pragmático a ser inferido a partir do *perfect* resultativo “I’ve opened the door”. O uso do imperativo, nessa lâmina, representa a demanda ao interlocutor pela execução de uma ação (“*come in*”), que depende do estado resultante do verbo-alvo [*to open*], na segunda oração.

Esse padrão vai ao encontro da proposta de comparação do inglês com o chinês, língua em que o uso da marca de *perfect* representa uma demanda por ação por parte do interlocutor. Ao trazer à tona essa comparação, Michaelis (1994) afirma que, no inglês, os estados que não possuem um papel em determinar o curso iminente das ações são **fracos** candidatos à realização do *perfect*. No entanto, mais do que isso, neste artigo, o uso do PrP foi propiciado exclusivamente em situação elicitando um estado

resultante (a porta aberta) que é **condição** para cumprimento de outra situação previamente demandada (entrar) e ainda não concretizada, de forma semelhante ao chinês. A lâmina 6, em que o informante 3 usou o PrP, é a única outra lâmina compatível com essa leitura de dependência da situação resultado (a realização do dever de casa) para cumprimento de outra situação previamente demandada (a permissão de sair de casa), ainda que essa relação de dependência se revele mais branda nessa lâmina, já que a sentença-alvo não indica diretamente um requerimento de agentividade por parte do interlocutor, mas sim seu consentimento. Esse contexto descrito, que parece propiciar a ocorrência de formas marcadas do *perfect*, na ausência de outra marcação linguística de causalidade, poderia ser descrito da seguinte forma esquemática.

**Figura 3 - Contexto sugestivo para ocorrência do PrP**



**Fonte: Elaborado pelos autores.**

Conforme a Figura 3 indica, haveria uma relação entre o estado resultante da situação B e a intencionalidade pragmática<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> É importante destacar que, apesar de haver intencionalidade pragmática, característica típica dos resultativos fracos, as duas lâminas em que houve ocorrência de PrP elicitam resultativos fortes, objeto de estudo deste trabalho. Nos resultativos fortes, o estado-alvo é determinado pelo predicado, conforme explicado na seção 2. Em contraste, resultativos fracos não teriam, sintática e semanticamente, estado-alvo. Como “I’ve opened the door” teria, a partir de seu predicado, o estado-alvo “The door is open”, a sentença é caracterizada como um resultativo forte. Todavia, a situação A, descrita pela sentença-preâmbulo, trouxe uma intencionalidade pragmática ao contexto, característica típica dos resultativos fracos.

inerente à situação A. Considerando a figura esquemática, na lâmina 5, a situação A demandada ao interlocutor seria “entrar” e a situação B seria “abrir a porta”, que tem o estado resultante da “porta aberta” como condição para a entrada. Do mesmo modo, na lâmina 6, a situação A, demandada ao interlocutor, seria a “permissão para brincar”, que estaria condicionada à existência da “tarefa cumprida”, estado resultante da situação B (“fazer a tarefa de casa”). Ao aplicar o esquema às outras lâminas, constata-se que nenhuma outra segue esse padrão: na lâmina 9 (“Look at that, dude! ... [to complete]”), chega a haver demanda por ação ao interlocutor na situação A (olhar), mas essa ação não depende da existência do estado resultante da situação B (o álbum completo) para que possa ser executada.

Por fim, comenta-se o uso do advérbio *just*, na resposta 3 do informante 3. Esse foi o único uso adverbial do teste, o que se deve ao fato de não ser possível marcar adverbialmente a noção de resultado, mas ser possível marcar morfologicamente a recência. Ainda que ele tenha sido realizado com a morfologia verbal SP, poderia ser uma evidência na direção da importância do traço de recência para o *perfect* resultativo, já que Michaelis (1994) e Yoon (2012) apontam a relação entre essas noções. A escolha adverbial/morfológica seria, então, uma indicação da relevância da recência da situação-alvo resultante. No entanto, outras lâminas do experimento davam margem à inferência da recência do fato gerador e não foram marcadas por expressão adverbial. Além disso, não houve realização de PrP para a lâmina 3, em que o advérbio ocorreu. Sendo assim, a noção de recência pode estar relacionada ao *perfect* resultativo, mas os dados deste trabalho indicam que esse traço não pode ser considerado o principal motivador de marcações morfológicas diferentes do SP em situações que elicitam o *perfect* resultativo.

## Considerações finais

Este artigo se propôs a investigar a competição entre PrP e SP na expressão do aspecto *perfect* resultativo na língua inglesa. Para tanto, apresentou-se um estudo de caso triplo, com base em um experimento de elicitación de resultativos fortes, que licenciam a inferência de que o estado resultante se mantém no momento da fala (MITTWOCH, 2008), aplicado a falantes nativos do AmE. Os resultados mostraram preferência pela realização do SP, usado em mais de metade das respostas, e uso equilibrado do PrP, do Simple Present e de formas progressivas nas demais respostas. Logo, não se pôde refutar a hipótese de que, no AmE, contextos de transição, com estado-alvo resultante relevante no presente (compatíveis com resultativos fortes), são representados pelo SP preferencialmente.

Na análise, destaca-se que o experimento provê contextos que atendem os aspectos apresentados na literatura como condição para a realização do PrP, quais sejam: tempo indefinido e manutenção do resultado da situação passada no presente (PORTNER, 2003; LEECH, 2004; MITTWOCH, 2008; YOON, 2012). Isto é, considerando o contexto sintático-semântico das produções verbais, as sentenças-preâmbulo não possuíam marcação adverbial de tempo ou ponto de referência assumido mentalmente, indicando uma situação de passado indefinido, e, apesar de indicarem situações de caráter singular, permitiam inferência da manutenção de seu estado resultante no presente, por meio do conhecimento prévio do informante ou de evidência visual, fornecida pela imagem na lâmina-estímulo. Portanto, o SP foi utilizado para se referir a situações de passado indefinido e preferido em relação ao PrP, a despeito da disponibilidade

de elementos que permitiam inferência da continuação do estado resultante no presente. Então, os resultados permitem: (i) corroborar a existência de uma competição entre o PrP e o SP para representar situações *perfect*, em que o SP assume forma *default*, conforme aponta Schaden (2009), e (ii) refutar as propostas de que haveria uma preferência pela realização do SP acompanhado de um advérbio e de que o SP estaria associado à não manutenção do estado resultante no presente (QUIRK *et al.*, 1980; LEECH, 2004).

Ao se analisarem os estímulos para os quais houve preferência de respostas com SP, constatam-se duas tendências principais. Em primeiro lugar, as situações possuíam caráter informativo, sem intencionalidade pragmática de demandar uma resposta/ação de seu interlocutor. Em segundo lugar, a presença de marcação linguística de causalidade (*e.g. because*) mostrou-se determinante para a escolha dessa forma verbal. Por outro lado, ao se analisarem os estímulos para os quais houve respostas com PrP, constata-se a seguinte tendência: o uso do PrP foi propiciado exclusivamente em situações elicitando um estado resultante que é **condição** para cumprimento de outra situação previamente demandada ao interlocutor e ainda não concretizada, com ausência de marcação linguística de causalidade.

Portanto, a relevância no PEpt não se mostrou um fator suficientemente sugestivo para a realização morfológica do PrP no caso dos resultativos fortes. No entanto, essa forma marcada parece ser propiciada pela eminência do estado resultante para uma ação iminente, demandada ao interlocutor. Complementa-se hipotetizando que o grau de agentividade envolvido na situação a ocorrer e a evidente recência da situação ocorrida interferem nesse processo de marcação morfológica.

Com base nessa discussão, retoma-se o questionamento sobre o *status* do *perfect* resultativo como subcategoria *perfect*. O uso do SP, como forma *default*, poderia sugerir que a noção de relevância do resultado não possui força semântica para caracterizar uma subcategoria *perfect*, uma vez que o inglês já possui outra forma verbal específica para marcar as noções de *perfect*. No entanto, apesar de o PrP não ter sido a forma preferida dos falantes, revelou-se produtivo em um contexto específico do experimento: quando há intencionalidade pragmática, característica presente nos resultativos fracos. Portanto, a presença da intencionalidade pragmática, traço típico dos resultativos fracos, determinou a ocorrência de PrP.

Tendo em vista essa distribuição das formas verbais, mostra-se pertinente a ideia de que o *perfect* resultativo se divide em duas classes, compatível com a caracterização dos resultativos de Mittwoch (2008). Dessa forma, a classe dos resultativos fortes teria como forma *default* o SP. No entanto, a distribuição do PrP, nesta pesquisa, já indica que o padrão de uso do SP para resultativos fortes não parece ser plausível para a classe dos resultativos fracos, envolvendo inferências pragmáticas. Como resultativos fracos não fazem parte no escopo deste trabalho, aponta-se a relevância de estudos futuros para dar conta dessa subclasse.

Por fim, ressalta-se que este é um estudo de caso, sendo necessários mais dados para validação das considerações feitas aqui. No entanto, a contribuição desta pesquisa sobre a subclasse dos resultativos fortes é de suma importância para a compreensão do fenômeno não só do ponto de vista teórico, mas também do ponto de vista do ensino do inglês como língua estrangeira, ensejando análises de exercícios de produção que elicitam o uso dessas formas verbais.

## Referências

CELCE-MURCIA, M; LARSEN-FREEMAN, D. **The grammar book: an ESL/EFL teacher's course**. 3. ed. Boston: Cengage Learning, 2016.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DOWTY, D. **Word meaning and montague semantics: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1979.

LESSA, A.; SALGADO, M. Aspect in the English language: a comparative analysis of form and meaning in traditional descriptive grammars. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 4, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502019000400400&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502019000400400&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 abr. 2020.

LEECH, G. **Meaning and the English verb**. 3. ed. Harlow, England: Longman. 2004.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the Perfect. *In*: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (ed.). **Perfect explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

JESUS, J. L. *et al.* O aspecto *perfect* no português do Brasil. **Travessias Interativas**, v. 14, p. 1-18, 2017.

LOPES, Thaís Lima. **A realização morfológica do aspecto *perfect* no português do Brasil e o inglês britânico: uma análise comparativa**, 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MACHADO, F. **As realizações morfossintáticas do *perfect***

**existencial no inglês americano**. 2019. 27 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://lefufrj.files.wordpress.com/2020/02/tcc-fernanda-machado.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MARTINS, A.; NESPOLI, J. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise comparativa entre o português e o italiano. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 1, p. 30-46, 2018.

MATOS, A. O aspecto *perfect* no português do Brasil (PB): uma análise do subtipo *perfect* de resultado. In: **SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ**, 7., 2016.

MCCOARD, R. **The English perfect**: tense choice and pragmatic inferences. Amsterdam: North-Holland Press, 1978.

MICHAELIS, L. The ambiguity of the English present perfect. **Journal of Linguistics**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 111-157, mar. 1994.

MITTWOCH, A. The English resultative perfect and its relationship to the experiential perfect and the simple past tense. **Linguistics and Philosophy**, [s. l.], v. 31, n. 3, p. 323-351, 2008.

NASCIMENTO, R. Aspecto perfect no inglês americano: uma análise do subtipo *perfect* de resultado. In: **SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ**, 8., 2017.

NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas**: um estudo comparativo. 2018. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NOVAES, C.; NESPOLI, J. O traço aspectual de *perfect* e as suas realizações. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 1, p. 255-279. 2014.

PARSONS, T. **Events in the semantics of English**: a study in

subatomic semantics. Cambridge: MIT Press, 1990.

PORTNER, P. The (temporal) semantics and (modal) pragmatics of the perfect. **Linguistics and Philosophy**, [s. l.], v. 26, p. 459-510, 2003.

QUIRK, R. *et al.* **A grammar of contemporary English**. 9. ed. Harlow: Longman, 1980.

SCHADEN, G. Present perfects compete. **Linguistics and Philosophy**, [s. l.], v. 32, p. 115-141, 2009.

SIGURÐSSON, H. Meaningful silence, meaningless sounds. **Linguistic variation yearbook**, Lund, v. 4, p. 235-259, 2004.

YOON, Y. The English present perfect and simple past tense. **Linguistic Research**, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 485-513, 2012.